

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O USO DO MODO SUBJUNTIVO E INDICATIVO NAS ORAÇÕES CAUSAIS

Ana Luíza Silva de Freitas (UFJF)

analufrei@yahoo.com.br

Luís Carlos L. Carpinetti (UFJF)

luclica@acessa.com

INTRODUÇÃO

Como o seu próprio nome indica, as orações causais dão a causa ou o motivo da ação ou do estado expressos pela oração principal, ou de que dependem, sendo introduzidas pelas conjunções *quod*, *quia*, *cum*, *quoniam* e *quando*.

De modo diverso ao que acontecia em Latim, língua na qual as conjunções introduziam as orações causais, em que alternava o uso do modo indicativo e do modo subjuntivo, a língua portuguesa não apresenta a mesma alternância de modo, porém apresenta a modalidade de orações reduzidas de gerúndio, infinitivo e particípio, segundo o que registram as gramáticas de Evanildo Bechara (2006) e de Celso Cunha (1985).

Neste sentido, apresentaremos as construções latinas, sem nos preocuparmos com a simplificação ocorrida na língua portuguesa. Tal fato se dá pelo contínuo movimento de simplificação que a língua busca para expressar os seus pensamentos e comunicar-se de modo geral.

Pretendemos, nesta comunicação, abordar a diferença entre o uso do modo indicativo e o uso do subjuntivo nas orações subordinadas causais e nas suas diferentes modalidades e situações. Toda vez que observamos uma oscilação entre o uso do indicativo e do subjuntivo, buscamos uma explicação para este uso apoiando-nos no conteúdo da arenga judiciária em que ele aparece. Desta forma, torna-se evidente e palpável a diferenciação entre o indicativo e o subjuntivo, categorias onde costuma haver oscilação entre o real e o irreal, passando pelo potencial e as diversas expressões de desejo, dúvida, incerteza etc. Vejamos o seguinte exemplo:

nam quod in eo me reprehendisti / quod nimium multos defende-rem, utinam et tu, qui potes, et ceteri, qui defugiunt, uellent me labore

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

hoc leuare! (Cícero, *Pro Cn Plancio*, 84)

Dada a crítica que tu me diriges, / uma vez que eu defenderia em demasia muitas pessoas, oxalá tu mesmo, que tens a possibilidade, e os outros, que se esquivam, consentissem em aliviar-me desta trabalheira!

A oração causal, construída com o indicativo, aponta para um feito realizado por Cn Plancio junto a seu advogado Cícero, e a outra oração causal, com o verbo no subjuntivo, constrói a relação de causa como uma suposição de que a defesa de Cícero em favor de seus clientes fosse exagerada, vazia e venal.

Os textos latinos com os quais trabalharemos textos pesquisados das arengas judiciárias de Cícero e de Apuleio, são os seguintes: *Pro Cn. Plancio*, *Pro Roscio Comoedo*, *Pro L. Flacco* (de Cícero), *De Deo Socratis*, *De Platone et eius dogmate* (de Apuleio), sendo este trabalho resultado de um Projeto de Pesquisa intitulado “A construção da irrealidade na argumentação de arengas judiciárias da latini-idade clássica”.

ORAÇÕES CAUSAIS INTRODUZIDAS POR *QUOD* E *QUIA*.

A conjunção *quod* “porque” constrói-se de modo geral como a oração independente, isto é, de preferência com o verbo no indicativo, tanto no latim arcaico como no latim clássico. Temos com exemplo:

sinite me, quod uobis fretus huic saepe promisi, id a uobis ei persoluere (Cícero, *Pro Cn Plancio*, 103)

permiti, **como muitas vezes prometi a este, confiando-me a vós**, que eu dê plena quitação da dívida a vós em benefício dele.

A dívida a que ele se refere é aquilo que o orador Cícero deve a Cn Plancio, a quem busca pagar defendendo-o da acusação de corrupção eleitoral, porque lhe deve o apoio recebido dele, o qual se reverte para a salvação de todos aqueles que o escutam fazer seu discurso.

Emprega-se o subjuntivo, porém, para se exprimir uma opinião alheia, sem que o autor especifique se a endossa ou não; quando a causa ou o motivo expresso pela oração causal não é dado como certo ou verdadeiro; ou, enfim, para indicar que uma hipótese não cor-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

responde à realidade, donde o emprego sistemático do subjuntivo depois de **non quod**.

Virum pessimum non solum deteriorem, sed miseriorem etiam dicebat esse, quod distrahatur semper seditione uitiorum / et desideriorum aestibus differatur. (Apuleio, *De Dogmate Platonis II*, XVIII)

Ele acrescentava que um homem da pior espécie não é somente inferior aos outros, mas mais infeliz **porque ele está sempre esquarterado pela revolta dos vícios e dilacerado pelo borbulhar dos apetites**.

A oração causal apresentou uso de subjuntivo, com os verbos **distratur e differatur**, esses verbos estão na voz passiva, 3ª pessoa do singular, do presente do subjuntivo. Conforme Ernesto Faria o exemplo ilustra uma afirmação de Platão que o autor Apuleio está resenhando na obra *De Dogmate Platonis* (sobre a doutrina de Platão) e, portanto, Apuleio está reportando o que Platão dizia. A gramática de G. Lipparini (1961, p. 224) registra o uso semelhante. É interessante a analogia que se pode construir com o emprego da oração relativa, onde existe o emprego simultâneo do indicativo e do subjuntivo, pois também o uso do **qui, quae e quod** também podem ter uma significação causal, coisa que a gramática de Lipparini chama de **qui** causal. A conjunção **quod** pode vir seguida de indicativo ou subjuntivo. Já fizemos a hipótese de que haja analogia com o uso dos dois modos na oração relativa, com a ideia de que **quod** permanece sendo um pronome relativo que teria como antecedente a oração principal que, por sua vez, é do gênero neutro, como o pronome **quod**, coisa que combina perfeitamente com a sintaxe do pronome relativo de concordar com o seu antecedente em gênero e número.

*... nam quod questus es plures te testis habere de Voltinia quam quot in ea tribu puncta tuleris, indicas aut eos testis te producere qui, **quia nummos acceperint**, te praeterierint, aut te ne gratuita quidem eorum suffragia tulisse.* (Cícero, *Pro Cn Plancio*, 54)

Em todo caso, lamentando-te de ter na tribo Voltínia mais testemunhas que tu não obtiveste de voz nesta tribo, tu revelas ou então, que tu citas como testemunhas, homens que não votaram em ti **porque eles tinham recebido dinheiro ou então, que tu não tinhas obtido seu sufrágio sem que até eles tenham sido pagos**.

Observamos neste exemplo o uso do subjuntivo com a conjunção **quia** exatamente quando relaciona a opinião de seu interlocutor e cliente Cn Plancio na causa que este confiara a Cícero.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ORAÇÃO CAUSAL INTRODUZIDA POR *CUM*

Cum causal, que também costuma grafar-se quom (a grafia quum é errônea), significa “já que”, sendo que o seu sentido causal é um desenvolvimento natural de sua acepção (significação) temporal. No período clássico, cum causal se constrói geralmente com o subjuntivo, enquanto que no período arcaico sua construção normal era antes com o indicativo:

quo modo, cum omnes qui tabulas conficiant menstruas paene rationes in tabulas transferant, tu hoc nomen triennium amplius in aduersariis iacere pateris? (Cícero, *Pro Roscio Comoedo*, 8)

De que modo, **uma vez que todos** que concluem as anotações mensais, **falta pouco a que transfiram as contas para os registros**, tu deixas este crédito por mais de três anos jazer no esquecimento.

Esta oração causal que poderia confundir-se com a oração temporal, referencia uma prática habitual no registro comercial e, portanto, de hábito cristalizado, passa a constituir uma causa.

ORAÇÕES CAUSAIS INTRODUZIDAS POR *QUONIAM* E *QUANDO*

Tanto *quoniam* como *quando* vêm frequentemente seguidas de *quidem* (com quando geralmente grafado *quandoquidem*), significando então respectivamente “pois que realmente”, “uma vez que evidentemente”:

Sed quoniam, iudices, multa nos et in nostris rebus et in re publica fefellerunt, ferimus ea quae sunt ferenda (Cícero, *Pro L.Flacco*, 3);

Mas juízes, **visto que de todas as decepções que nós sofremos tanto em nossos negócios pessoais quanto nos negócios públicos**, nós submetemos ao inevitável.

Agora, vejamos um exemplo com quando:

Pari pacto et eorum quae declinanda sunt, quaedam omnibus ac semper uideri mala, quando nocent atque obsunt, ut sunt uitia et infortunia, quaedam aliis nec ea semper nocere, ut aegritudinem, egestatem et cetera.

Do mesmo modo também, entre os males a afastar, alguns, segundo ele, aparecem tais aos olhos de todos e sempre, **uma vez que são nocivos e contrários**, como os vícios e infortúnios, alguns não prejudicam

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

senão a uns e ainda nem sempre, como a doença, a indignância e o resto.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos este trabalho, no qual recolhemos exemplos nos textos latinos estudados, observamos de modo geral o uso do indicativo para as conjunções causais, ato que nos leva a pensar que se o uso do indicativo apresenta motivação e não é um mero recurso sintático, como é o caso do subjuntivo para a subordinação, podemos deduzir que a expressão da causa, no pensamento dos romanos era tido como um dado certo, portanto pertencente ao uso do indicativo. O que se diferencia desse uso é o caso da conjunção *cum*, que exemplificamos com um período do *Pro Roscio Comoedo*, onde a causa, expressa como um pressuposto na defesa de Cícero em favor de Róscio, aponta para o uso do subjuntivo como uma suposição, e portanto do campo semântico do modo subjuntivo.

BIBLIOGRAFIA

APULEIO, L. *Opuscules philosophiques*. Du dieu de Socrate, Platon et sa doctrine, Du monde, Fragments. Texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu. Paris: Les Belles-Lettres, 2002.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa* –37ª ed. ver. e ampl. 16ª reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CÍCERO, M. T. *Discours*. Tome I: Pour P. Quinctius, Pour Sex. Roscius d'Amérique, Pour Q. Roscius le comédien. Texte établi et traduit par H. de la Ville de Mirmont. Paris: Les Belles-Lettres, 1973.

———. *Discours*. Tome XII. Pour le poète Archias. Texte établi et traduit par Félix Gaffiot. Pour L. Flaccus. Texte établi et traduit par André Boulanger. Paris: Les Belles-Lettres, 1989.

———. *Discours*. Tome XVI – 2e partie. Pour Cn. Plancius. Pour M. Aemilius Scaurus. Texte établi et traduit par Pierre Grimal. Paris: Les Belles-Lettres, 1976.

De deo Socratis:

<http://www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.deosocratis.shtml>

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

De Platone et eius dogmate, Liber primus:

<http://www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.dog1.shtml>

De Platone et eius dogmate, Liber secundus:

<http://www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.dog2.shtml>

CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

LIPPARINI, G. *Sintaxe latina*. Tradução e adaptação Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis: Editora Vozes, 1961.

Pro Flacco: <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/flacco.shtml>

Pro Plancio: <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/flacco.shtml>

Pro Roscio Comoedo:

<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/rosccom.shtml>

REZENDE, A. M. de; BIANCHET, S. M. G. B. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Crisálida / Tessitura, 2005.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1927-1976.